

REENCANTAMENTO DA CIDADE: MIUDEZAS GEOGRÁFICAS E DEVANEIO

(AQUI, UMA RESPOSTA DE 385 PÁGINAS ÀS INQUIETAÇÕES DE MAX WEBER QUANTO AO DESENCANTAMENTO DO MUNDO)

Por Eduardo Yázigi

De nada adianta dispormos de hotéis requintados, se ao abrir da porta ou da janela o turista se desencanta com favelas, patrimônio histórico e artístico em abandono, arquitetura sem caráter e um dos espaços públicos mais displicentes do Ocidente – sem falar dos tiroteios. Tenho afirmado que, em relação ao que foi no passado, o Brasil é o país mais enfeado do planeta nos últimos setenta anos. As mídias já estão insistindo numa nova síndrome em expansão: a do “Transtorno explosivo intermitente”, bem conhecida dos habitantes dos grandes centros urbanos brasileiros, sobretudo no trânsito. Grande parte do desencanto vem da cidade muito mal resolvida. Nem os mais ricos estão a salvo: não há quem possa evitar a cidade. Como o psicólogo James Hillman já denunciou num livro seu: esta síndrome é a mais nova doença do divã.

Nos tempos que correm as melhores intervenções de renovação urbana indicam a necessidade de enaltecer os ambientes de negócio e de turismo. Um valor a ser realmente concretizado, mas é preciso que nos preocupemos também com o cotidiano do residente, do qual ninguém pode se esquivar. Resultado da negligência: aumenta-se ainda mais a dualidade espacial. Enquanto o turista, de negócios ou não, passa alguns dias num lugar, o morador passa a vida inteira no mesmo local, ou outros para onde possa se mudar. Torna-se indispensável pensar o espaço banal com uma seriedade jamais ensaiada.

Incontáveis cidades do mundo vão perdendo graças, até mesmo clássicas; mas *nostra culpa* brasileira é mais avassalador por causa de nosso estouvado modo de entender o desenvolvimento, o espaço e a vida pública. O presente livro se equilibra com um pé na filosofia de vida urbana, dotado de linguagem bastante simples, e outro em subsídios que ajudem a moralizar este espaço e seu planejamento.

Lá se foi quase um século desde que Max Weber denunciou, 16 vezes ao longo de sua obra, o *desencantamento do mundo* devido à perda da magia e da religião. Com todo respeito ao insigne sociólogo alemão, este seu “do mundo” não se aplica ao Brasil: contraditoriamente não perdemos nem magia, nem religião – hoje mais fortes do que nunca e até exportando - e, no entanto o desencantamento de seu espaço é progressivo.

Precisamos nos conscientizar de que a cidade é também nossa casa e que o lazer cotidiano pode ser poetizado sem grandes investimentos. Lembremo-nos: os maiores elogios ao Brasil, como o de Stefan Zweig em seu livro *Brasil, País de Futuro*, se refere a um tempo de pura singeleza, sem lantejoulas e paetês.

CAPÍTULOS ABORDADOS:

O SENTIDO DA VIDA.

Quem nasceu depois do avanço do desencantamento não pode sentir saudade daquilo que jamais conheceu; por outro lado, de nada vale uma volta ao passado se os dados do mundo atual são radicalmente diferentes. É hora de olharmos para frente e para o alto, repensar a cidade com todos os desafios que apresentam. Mas um novo olhar que terá de se agarrar num questionamento básico: *vivemos para construir cidades ou as construímos para nelas viver?* Pareceu-me então que a melhor introdução teria de provocar o leitor um ponto de vista que bem poucos refletem. A maioria vive numa espécie de sonambulismo sobre vias asfaltadas e elementos urbanos de baixo significado. Então, nada mais instigante do que iniciar com a questão com *O sentido da vida*, não sobre bases doutrinárias religiosas, mas naquelas reveladoras de sendas que a Mecânica Quântica tem de metafísico – destino inevitável onde Física, Matemática e Química, principalmente, se encontram. Nada mais do que breves revelações cosmológicas que mais parecem pertencer ao campo da magia!

FORMAS DE ENCANTAMENTO.

Nesta sequência uma ordem capitular a guisa de ensaio, procurando sistematizar as grandes categorias de encantamento - das intangíveis àquelas que têm a ver com a concretude do espaço urbano. Encantamentos e desencantamentos num processo histórico e dialético. Aí, como não podia deixar de ser, a obra teve de enveredar, sobretudo pelas trilhas perceptivas da Psicologia Social, já que o encantamento é tributário de nossos sentidos e psiquismo.

REVELAÇÃO DO VAZIO & ELOQUÊNCIA DO SILÊNCIO.

Neste capítulo uma abordagem *sui generis* calcada numa breve teorização sobre o vazio e o silêncio. Aqui realizei uma sistematização das diferentes formas de vazio que podem existir numa cidade. Ambos os conceitos entram como pano de fundo a ser investidos na reorganização da vida nas cidades, forçadas a viver num “inferno de tralhas e estrondos” que invadem o espaço público e fazem a percepção adoecer. São dois reverses que permitem resolver parte da questão urbanística, mas não sem antes equacionar a tão pervertida relação público-privado no Brasil.

MASSIFICAÇÃO E QUALIDADE.

O grande e lúcido historiador Fernand Braudel já se inquietava, há mais de meio século, acerca de como garantir qualidade numa sociedade massificada. Não há quem hoje não sinta que, tocante a esta questão, permanecemos bem longe de ter equacionado, ou pelo menos iniciado caminhos promissores. As clássicas teorias sobre cidade carecem de incorporar, nos infundáveis problemas que as constituem, o uso do espaço urbano pelas massas e as novas concepções que possam privilegiá-las, a começar pelos arrabaldes do olvido, de forma a diminuir a dualidade espacial.

SUAVIZAÇÃO DO COTIDIANO.

Na falta de cidades confortáveis, aconchegantes e funcionais, acabamos preferindo poltrona & televisão, ou uma piscina quem a tem. A casa fica sendo a *priori o locus* de um mundo minimamente pensado para nossa vida prática e nossos devaneios. Conquanto válido, corremos o risco de nos perdermos, pois ninguém pode evitar as agruras da cidade, ora pedindo socorro. Existem governos e sociedades organizadas com papéis a serem cumpridos! Este capítulo vaga então sobre elementos do cotidiano urbano passíveis de serem poetizados. Não com querubins ou adereços camavalescos, mas com dignificação do espaço e de seus constituintes.

VALORES TERRITORIAIS.

Dois grandes autores, mais ou menos do tempo de Weber, já faziam apologia sobre a importância da relação entre o cotidiano banal e as grandes estruturas que o definem. Estaríamos errando do ponto de vista estratégico se nossa preocupação ficasse unicamente centrada nas altas políticas. Esses autores são Berger e Agnes Heller. Quem não consegue raciocinar o cotidiano banal à porta da casa fica sem elementos para entender e

agir nas estruturas por ele responsáveis. Se a sociedade não se organiza efetivamente pela defesa de seu mundo, *as forças do mercado decidirão sozinhas com opções que poderão nos amargar a vida y ahí te quiero ver!* Portanto, cotidiano banal e política de altas esferas são inseparáveis. Desgraçadamente o país é cada vez mais dominado pela cultura do pocotó – cujo pensamento também foi sistematizado nesta obra.

PROCURA-SE UM ELENCO.

Como o reencantamento da cidade não deixa de ser uma procura por refinar todas as formas materiais e as relações entre habitantes, infelizmente isto não é lide que esteja ao alcance de todos, sobretudo os que estão em seus primeiros passos. Se assim não fosse já teríamos avançado muito neste campo. Profissionais afins e várias personalidades são conclamadas a dar o passo detonador à guisa de uma nova elite que deve se expandir ao máximo possível. Sua tarefa: a partir da comunicação de massa e alguns estímulos definir estratégias de governo e gerenciamento urbano sob novos prismas e envolvimento de ambientalistas.

TRILHAS POLÍTICAS INICIAIS.

Por fim uma discussão sobre as necessárias frentes estratégicas a serem conduzidas, com implicações em todos os níveis de poder. Aqui dois fenômenos se mostraram inevitáveis de serem muito bem revistos. O primeiro deles tocante ao nível cultural dos que legislam e governam a cidade; o segundo, um suposto equívoco de que não existem recursos para melhor qualificação da cidade. Conforme documentado, nada além do ano de 2010, *uma astronômica soma de 85 bilhões de reais foi desviada do erário pela corrupção*. A argumentação deste capítulo advoga ainda pelo fim da hipocrisia que domina todos os códigos jurídicos, questionando o próprio sentido da democracia.

A necessidade de vasta disseminação de novos valores urbanos a ser liderada pela Educação nacional não é vista como uma cartilha a mais que se perde em montanhas de papel. Na medida em que o texto defende que somente o conceito de patrimônio ambiental urbano é capaz de dar conta do reencantamento do território, e *que ambiente é relação*, este cuidado a mais da cidade dever ser incorporado no âmbito já existente do conceito de meio ambiente, hoje excessivamente limitado aos bens naturais. Por esta razão, em Anexo ao livro, cerca de vinte e cinco páginas são dedicadas ao entendimento da moderna conceituação de patrimônio ambiental que procurei detalhar.

SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

São Paulo: Editora Scortecci, 2013, 385 páginas + 29 fotos documentais. Sua distribuição está prevista na Livraria Cultura e na Martins Fontes do eixo Avenida Paulista.

Recebido em 04 de junho de 2014

Aprovado, em sua versão final, em 18 de junho de 2014.

Texto convidado.